

Instituições: posições sobre inclusão, exclusão e educação

Aluna: Fernanda Nunes De Lara

Programa: Institucional FEUSP (sem bolsa)

Orientador: Rinaldo Voltolini

- **Resumo**

Esta pesquisa de iniciação científica surgiu com o objetivo de pensar alguns dos caminhos tomados por duas instituições no processo de inclusão de crianças e adolescentes com Distúrbio Global de Desenvolvimento (DGD) na sociedade. Uma é a “Associação Lugar de Vida – Centro de Educação Terapêutica” e a outra é a “Sociedade Pestalozzi de São Paulo”.

Para que fosse possível fazer uma análise sobre essas duas instituições se fez necessário uma pesquisa de campo e também pesquisas teóricas a fim de pensarmos sobre as metodologias, as origens teóricas e conceituais.

A Associação Lugar de Vida possui como base teórica a chamada “Educação Terapêutica” que é um conjunto de práticas interdisciplinares de tratamento que tem como foco a retomada do desenvolvimento global de crianças e adolescentes com DGD. Essa prática se sustenta principalmente em três pilares: introdução ao institucional, introdução de atividades escolares e a clínica psicanalítica.

A Sociedade Pestalozzi de São Paulo compreende o funcionamento intelectual de deficientes mentais sob a ótica da Epistemologia Genética, além de possuírem uma estreita ligação com o tipo de trabalho realizado pela “Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais” (APAE) – em especial pela sede de Bragança Paulista, metodologia que foi iniciada por Maria Mantoan em 1980.

Durante toda pesquisa traçamos um paralelo entre as diferenças da prática dessas instituições. Percebemos que a Associação Lugar de Vida apenas proporciona os serviços de fonoaudiologia e a clínica psicanalítica, mas não oferece educação formal para seus usuários, ofertando somente os elementos escolares como, por exemplo, papel, caneta, lousa, giz etc. o que “obriga” essas crianças a romperem o muro com a Instituição em busca de escolas regulares.

Ainda com esse objetivo de incentivar as trocas sociais dessas crianças com a sociedade, a Associação promove constantes passeios com seus alunos / pacientes para fora da Instituição, visitam parques, museus e outros lugares de uso público.

Já a Sociedade Pestalozzi disponibiliza não só a educação formal, através de uma escola especial, mas também oferece a seus usuários serviços de fonoaudiologia, psicologia, psicomotricista, fisioterapia, psicologia etc. O que foi pensado para facilitar a vida das crianças e suas mães que pode contar com todo o respaldo médico e escolar em um mesmo espaço físico, teve por consequência o rompimento da inserção dessas crianças no discurso social, dessa forma a Pestalozzi acabou por ser um fim nela mesma, já que as trocas sociais são feitas internamente.

Entre outras características marcantes das duas Instituições verificamos que o Lugar de Vida, por possuir a psicanálise como principal linha teórica, tem a preocupação em dar espaço para o imprevisto e para o inesperado com a intenção de deixar escapar os sinais de desejo do inconsciente presentes nessas crianças.

Já a Sociedade Pestalozzi ainda está impregnada de características behavioristas ao utilizarem, por exemplo, termos como “educáveis e treináveis” ao se referirem às condições mínimas para que uma criança possa ser aceita na Instituição. Além de oferecerem cursos de “boas maneiras” e de “afazeres domésticos e pessoais”. Por ser uma psicologia comportamental, o Behaviorismo se baseia em experiências com técnicas de estímulos e respostas, o que leva essas crianças “não-normais” a se aproximarem do normal sem a possibilidade do imprevisto.

Apesar de adotarem teorias bastante diferenciadas, desde o início da pesquisa pudemos notar que o ideal inclusionista se encontra nas duas entidades, embora aconteça por vias distintas. A Associação Lugar de Vida aposta na inserção dessas crianças no mundo dos humanos por intermédio da cultura. Já a Sociedade Pestalozzi prima pela inclusão por meio do mercado de trabalho (o que verificamos facilmente através das muitas oficinas profissionalizantes existentes na Instituição) visando uma possível independência dessas pessoas com deficiência mental.

Para além de uma comparação entre duas Instituições essa pesquisa mostrou que o caminho da inclusão, em particular a de crianças com DGD, pode ser percorrida de várias maneiras, o que realmente importa é que as pessoas com

doenças mentais possam ser não apenas reconhecidas pela sociedade, mas também que elas possam ter um lugar garantido nesse meio social.

- **Palavras chave:**

Inclusão, instituições, educação especial, doença mental.

- **Objetivos**

Pretendemos com esta pesquisa identificar as semelhanças e diferenças entre Instituições que atendem crianças com distúrbios globais de desenvolvimento (DGD), por exemplo, autismo e psicose, que ofereçam algum tipo de escolarização e tratamento para essas crianças, verificando o andamento do movimento inclusionista dentro dessas instituições. Uma dessas Instituições é a “Associação Lugar de Vida – Centro de Educação Terapêutica” que é “atravessada” pela psicanálise, com caráter inclusivo e a outra é a “Sociedade Pestalozzi de São Paulo” que possui o Construtivismo como foco teórico.

Com esse objetivo buscaremos responder às seguintes questões:

- Quais são as linhas teóricas de cada uma das instituições pesquisadas?
- Qual é o conceito de inclusão para cada uma dessas Instituições?
- Qual é o conceito de cura para cada uma das Instituições?
- Quais são as ações a favor da inclusão que essas instituições põem em prática?

- **Metodologia**

A metodologia consistiu em pesquisa de campo dentro das seguintes Instituições: “Associação Lugar de Vida – Centro de Educação Terapêutica” e “Sociedade Pestalozzi de São Paulo” que são duas entidades que oferecem algum tipo de escolarização e tratamento à crianças com deficiência intelectual, além de entrevistas com os profissionais e pais de alunos. Leituras sobre: a história das Instituições e Educação Especial, psicanálise e inclusão.

A pesquisa teve duração de um ano e a metodologia se deu da seguinte maneira:

Pesquisa de Campo: Ao longo da pesquisa.

Leituras: Ao longo da pesquisa

Redação final: 2 meses

- **Principais resultados**

I – Introdução

Temos que a vinda de um bebê é sempre um momento de felicidade familiar, sobretudo ao que diz respeito à espera materna e paterna. O nascimento de um filho para seus pais “é, antes de mais nada, a recompensa ou a repetição de sua própria infância, o nascimento de um filho vai ocupar um lugar entre seus sonhos perdidos: um sonho encarregado de preencher o que ficou vazio no seu próprio passado, uma imagem fantasmática que se sobrepõe à pessoa ‘real’ do filho.” (Mannoni, 1985. p. 05)

A criança é imaginariamente construída e isto faz com que ela exista, em um tempo subjetivo parental, antes mesmo de seu nascimento. Ao nascer acontece uma re-significação dessa imagem criada pelos pais, já que a partir daquele momento, eles estarão frente a frente do filho real e não mais do **imaginário**. Sendo assim, após o parto, o bebê possui a responsabilidade de responder positivamente às expectativas paternas para que ele possa receber a insígnia familiar, uma marca simbólica, com a qual os pais se reconhecerão na criança e vice-versa.

Mas às vezes esse quadro é tomado pela angústia quando os pais percebem que há “algo errado” com aquela criança. Esse “algo errado” significa que aquele filho idealizado e imaginariamente construído não nasceu. Isso causará um choque, principalmente, materno “num plano narcísico: dá-se uma perda brusca de toda referência de identificação, o que implica a possibilidade de comportamentos impulsivos. Trata-se de um pânico diante de uma imagem de si que já não se pode nem reconhecer nem amar.” (Idem, 1985. p. 02)

A criança deficiente vem questionar todo um ideal de função parental colocando em jogo toda a genealogia familiar. Assim, o filho passa a não possuir a insígnia da família e os pais acabam por não se reconhecerem nele, isto compromete a relação de amor, sobretudo entre mãe e filho já que esta relação terá, para sempre “um ressaibo de morte, de morte negada, disfarçada a maior parte das vezes em amor sublime, algumas vezes em indiferença patológica, outras

vezes em recusa consciente; mas as idéias de homicídio existem, mesmo que nem todas as mães possam tomar consciência disso”. (Idem, 1985. p. 02)

Ao se depararem com essa criança que nega todas as suas expectativas, os pais têm como primeira providência saírem à procura de médicos em busca de um diagnóstico clínico. De posse do tão esperado diagnóstico que confirma a deficiência, a criança passa a ficar “atrelada a ela, colada nela em uma holófrase (palavra-frase): ‘filhodeficiente’”. (Levin, 2005. p. 46).

Dessa forma a função do filho fica comprometida, já que os pais passam a fazer o laço cênico com a deficiência e não com o futuro sujeito. Por exemplo, muitos pais ao constatarem que o filho possui alguma necessidade especial trocam o nome que já haviam escolhido para aquela criança, como se reservassem aquele nome para o filho ideal, isto é, para aquele que na verdade não nasceu.

Segundo Esteban Levin, os pais podem se relacionar com o “filhodeficiente” por três vias: os pais depositam amor incondicional ao filho ou rejeitam o “filhodeficiente” se limitando em sua deficiência ou percorrem o caminho do luto na tentativa de re-significação da criança construída imaginariamente (Idem, 2005. p. 48).

No primeiro caso, o do amor incondicional, os pais tomam a criança como se juntos se constituísse um só, uma mesma pessoa, numa tentativa de se eximirem do sentimento de culpa pela deficiência do filho. Dessa forma deixam de possibilitar a essa criança um distanciamento e limites sem os quais ela não poderá se tornar um futuro sujeito.

No segundo, o da rejeição, os pais excluem completamente a criança, minimizando-a a sua deficiência, não sendo possível nenhuma identificação com ela. Esta, na visão dos pais, jamais será capaz de alcançar as expectativas do filho imaginariamente construído e assim todo amor que era direcionado ao filho ideal se transforma em ódio que tem como alvo o “filhodeficiente”.

Já no terceiro caso, o do luto, os pais procuram reelaborar e re-significar toda a expectativa que envolvia a chegada da criança, de forma a descolá-la da deficiência e estabelecer um lugar cênico na família como filho e não mais como “filhodeficiente”. É claro que isto não significa ignorarem a patologia, mas sim permitir a essa criança a possibilidade de se instalar como sujeito dentro de um contexto familiar e social para além de sua excepcionalidade. Como disse Franco Basaglia ao fazer um depoimento sobre um hospital psiquiátrico italiano: “para

estabelecer uma relação com um indivíduo, é necessário considerá-lo independentemente daquilo que pode ser o rótulo que o define”. (Basaglia, 1985. p. 28)

Após esse primeiro momento em que os pais se deparam com a deficiência do filho, geralmente, se faz necessário a busca de apoio, não somente clínico, mas também educacional e psicológico para toda a família. É nesse contexto que as instituições que oferecem serviços e/ou tratamento para crianças e adolescentes com alguma necessidade especial, sejam ela física e/ou mental, entram em cena. Sinônimos de esperança e apoio para pais e mães que depositam suas expectativas na cura de seus filhos, o que nem sempre é possível.

As instituições, de um modo geral, exercem um papel fundamental na sociedade já que são as responsáveis por definir regras e manter uma unidade social, evitando assim a instalação do caos, dessa forma podemos dizer que “a instituição nos precede, nos determina e nos inscreve nas suas malhas e nos seus discursos; (...) descobrimos também que a instituição nos estrutura e que contraímos com ela relações que sustentam nossa identidade” (Kaës, 1991. p.20)

São as instituições que definem o modo de pensar e de agir dos seres humanos, elas são as responsáveis por moldar o caráter dos sujeitos, puni-los ou reeducá-los se caso se desviarem da “normalidade”. Com o objetivo de reger a sociedade teve início, por exemplo, as instituições totais (prisões, internatos, conventos, manicômios etc.) que retiram, isto é, excluem o sujeito do convívio social conferindo-lhe marcas psicológicas muitas vezes irreparáveis. Mas existem também instituições que não retiram o sujeito do convívio social, na verdade funcionam como socializantes, como por exemplo, a escola e a família.

Algumas instituições podem oferecer apoio às pessoas com necessidades especiais em várias frentes: clínica, social e educacional. Podemos dizer que no caso desses atendimentos específicos para pessoas com doenças mentais essas três frentes estão entrelaçadas, já que uma funciona em decorrência da outra. Pois se essas pessoas possuem dificuldades em se relacionar com o outro, a clínica buscará com que ela tenha a possibilidade de maior acesso à cultura e isso pode ser feito através de projetos educacionais ou sociais.

Segundo Aranha em seu texto “Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência” (2001), hoje vivemos um período de transição entre paradigmas que dizem respeito ao lugar dessas crianças (e adultos) com

deficiência em nossa sociedade. Podemos observar a existência de dois paradigmas: o de serviços, que vem acompanhado pelo conceito de integração, e o de suporte que é acompanhado pelo conceito de inclusão. O primeiro visa à retificação do alunado na medida em que são oferecidos serviços como: fonoaudiologia, psicomotricista, fisioterapia, pediatria, psicologia etc., esse tipo de serviço leva a pessoa com deficiência a se aproximar do “normal”. Já o paradigma de suporte visa à convivência social entre todos, sem segregação e sempre respeitando os limites da pessoa com necessidades especiais, neste caso não é ela quem se adapta à sociedade e sim a sociedade que se adapta a ela.

Esse ideal inclusionista tem suas origens no movimento antimanicomial, que pretendia a queda dos muros dos Hospitais Psiquiátricos. Os manicômios, como citado acima, representam à pessoa com psicose a sua segregação da sociedade. Logo, a oferta de tratamento médico e terapêutico para adultos ou crianças com deficiência mental passou a não ser mais suficiente, já que esse movimento objetiva por trazer essas pessoas ao convívio social e ainda a constituir um lugar para elas na sociedade. Assim as instituições, principalmente as escolares, foram afetadas por essa corrente, pois se a escola é um espaço democrático, conseqüentemente socializante onde, teoricamente, não deveria haver distinção entre os alunos, todas as crianças têm direito de usufruir tudo o que a escola possa ser capaz de oferecer.

Dar conta da demanda de alunos com doenças mentais (ou quaisquer outras deficiências) na escola regular não é algo tão simples, já que “essas crianças não se diluem no grupo, fato de fundamental importância nas escolas, fundadas que estão na prática da homogeneização” (Voltolini, 2004. p.170), por esse motivo, além de garantir a vaga desse sujeito e possibilitar o laço social, deveria haver a preocupação em adaptar o Plano Político Pedagógico (PPP) a favor desses alunos, para que fosse possível uma inclusão de fato.

Logo, falamos em uma reestruturação total do modelo escolar sem a intenção de retificar a criança com deficiência, isto é, sem o objetivo de tentar colocá-lo no padrão de normalidade no qual se encontram os demais alunos. Temos assim, por um lado o despreparo dos professores e por outro os estigmas e preconceitos que essas crianças carregam que são os principais geradores dos conflitos que cercam a inclusão.

Cabe a esta pesquisa de iniciação científica pensar alguns dos caminhos tomados por duas instituições no processo de inclusão de crianças com Distúrbios Globais de Desenvolvimento (DGD) uma é a “Associação Lugar de Vida – Centro de Educação Terapêutica” e a outra é a “Sociedade Pestalozzi de São Paulo”. Escolhidas por terem em sua estrutura o oferecimento do aspecto educacional e pelo reconhecimento de ambas por parte da sociedade, além de representarem pontos de vista distintos.

Sendo assim, buscaremos comparar essas duas instituições, conceitualmente e fazer uma breve análise de suas bases teóricas com o objetivo de identificar distanciamentos e semelhanças, além de examinar as perspectivas de inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais.

Fazer uma análise de duas instituições inclui pensar sobre a metodologia, suas origens teóricas, as estruturas físicas e conceituais para que possamos identificar suas raízes.

O objetivo central desta pesquisa é contribuir, de algum modo, com os caminhos da inclusão na escola regular de crianças com algum transtorno, na medida em que as comparações pretendem focar o olhar sobre as estratégias e encaminhamentos que elas oferecem na educação e conseqüentemente o tratamento dessas crianças.

Desde já destacamos que as duas possuem a pretensão de inserirem crianças e adolescentes com transtornos mentais na sociedade, mesmo que por vias diferenciadas. São instituições como essas que abrem as portas da inclusão fazendo valer a luta de profissionais e pessoas com deficiência que buscam quebrar os antigos paradigmas e discursos, muitas vezes preconceituosos e totalitários, que circundam o ideal de uma sociedade mais justa e igualitária para que assim possam “tomar a palavra” o que segundo Flávia Schilling (2004. p.83):

seria o que permitiria descobrir ou inventar a relação entre o que tinha sido dividido e aparecia como impossível de relacionar, introduziria a diversidade dentro do que era apresentado como naturalmente uniforme. (...) “tomar a palavra” significa criar um saber. Um saber sobre o outro e sobre si mesmo: falar a instituição e não mais ser falado por ela; falar sobre o trabalho, sobre as epidemias, sobre o tempo da vida e não mais, apenas, ser “falado”.

II – Estrutura Institucional.

Neste capítulo iremos analisar as estruturas de duas instituições que oferecem educação e tratamento para crianças com DGD (Distúrbio Global de Desenvolvimento) uma é a Associação Lugar de Vida – Centro de Educação Terapêutica e a outra é a Sociedade Pestalozzi de São Paulo. Ambas as instituições oferecem conjuntamente educação e tratamento para crianças com déficit intelectual, ainda que por vias diferenciadas, elas buscam a inclusão desses jovens na sociedade.

1) Perspectivas teóricas e metodológicas de trabalho

a) Lugar de Vida

A Associação Lugar de Vida – Centro de Educação Terapêutica teve início em 1990 como um Laboratório do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (PSA - IPUSP) na época se chamava apenas Lugar de Vida e era oferecido atendimento terapêutico e educacional para crianças com transtornos emocionais graves principalmente as que possuíam baixa renda familiar.

Após cinco anos foi posta em prática a “Educação Terapêutica” que pretende oferecer atendimento psicanalítico interligado ao aspecto educacional, foi a partir de então que o laboratório passou a se chamar “Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida”.

Hoje a Associação Lugar de Vida se encontra fora dos muros da Universidade de São Paulo, mas ainda permanece o vínculo com o PSA e com o LAPSI – Laboratório de Estudos e Pesquisas Sobre a Infância da Faculdade de Educação e do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o que permite o desenvolvimento de pesquisas e orientações de mestrado e doutorado sempre visando o aprofundamento em questões da educação e doenças mentais em especial ao que se refere às crianças.

Sua instalação na Universidade fez com que o tom de pesquisa não experimental fosse predominante: “pesquisar é antes de mais nada escrever sobre a clínica, como fazia Freud todos os dias depois de atender seus pacientes, e não fazer das crianças objeto de uma ciência, de um saber em que se está excluído o sujeito” (Kupfer. 2000. P.85)

A Associação está instalada em uma casa na cidade de São Paulo no bairro do Butantã com espaços muito bem distribuídos no que diz respeito às salas de atendimento dos grupos e ao trabalho administrativo.

O quadro de funcionários é formado basicamente por secretários administrativos, psicólogos, psicanalistas, pedagogos e, principalmente, inúmeros profissionais ligados à universidade que colaboram com o trabalho institucional, além de contar com o apoio de mais de vinte estagiários que são graduandos do Instituto de Psicologia e da Faculdade de Educação da USP.

A base teórica do Lugar de Vida se apresenta em três seguimentos: introdução do institucional como ferramenta terapêutica e de trabalho, introdução de atividades escolares e a clínica psicanalítica. Esse tripé é o que se chama de educação terapêutica, desenvolvido a partir da necessidade de pesquisar em meio à clínica de crianças com transtornos graves. A teoria da educação terapêutica

é um conjunto de práticas interdisciplinares de tratamento, com especial ênfase nas práticas educacionais, que visa à retomada do desenvolvimento global da criança ou à retomada da estruturação psíquica interrompida pela eclosão da psicose infantil ou, ainda, à sustentação do mínimo de sujeito que uma criança possa ter construído. (Idem. p.83).

Para que essa prática traga resultados positivos, esse campo teórico necessita simultaneamente de três eixos: inclusão escolar, campo institucional e o escolar.

✓ Inclusão Escolar

A inclusão escolar de crianças psicóticas e autistas não é de fácil execução, principalmente por não serem:

deficientes mentais verdadeiramente; podem enganar à primeira vista, mas logo se vê que possuem algumas qualidades intactas, algumas ilhas de inteligência. Está se falando das crianças que alguns psicanalistas poderão diagnosticar como psicóticas, que alguns neurologistas chamarão talvez de autistas de bom rendimento.

Seja qual for o diagnóstico, porém, estarão excluídas da escola regular. (Idem. p.87)¹

Alfredo Jerusalinsky afirma que um dos principais fatores que impossibilita a inserção de crianças psicóticas e autistas em classe comum é que existe muita dificuldade em ensinar alguém que não possui curiosidade (Idem. p.88), como é o caso de alguns psicóticos, embora seja irrefutável que há possibilidade de instigar curiosidades parciais, mas para isso é necessário o apoio de um professor especializado e muitas vezes isso acontece apenas em classe especial. Mesmo assim, existe um movimento de inclusão, e não reintegração, dessas crianças na escola regular. Inclusão porque quando a escola recebe um aluno com necessidades educacionais especiais é preciso que haja uma reorganização gerando uma adaptação da escola a essa criança.

Para a educação terapêutica o foco principal é fazer com que essas crianças com transtornos graves façam laços sociais e a escola tem importância primordial já que atua como discurso social, viabilizando a entrada nas leis dos humanos. Essa relação independe se esse aluno está em classe regular ou especial, pois: “a escola é uma instituição poderosa quando lhe pedem que assine uma certidão de pertinência: quem está na escola pode receber o carimbo de ‘criança.’” (Kupfer. 2000. p.92). Por esse motivo, a primeira atitude do Lugar de Vida foi oferecer o escolar, mais especificamente o pré-escolar, um trabalho anterior à escola, com o objetivo de colocar essa criança em condições mínimas para que seja possível freqüentar uma instituição de ensino regular.

✓ Campo Institucional

Para que seja possível o tratamento de crianças psicóticas, a montagem institucional deve funcionar como ferramenta terapêutica, todas as atividades devem ser pensadas e planejadas de maneira que se possa surgir um sujeito a partir desse Outro institucional. Dessa forma a alta rotatividade de profissionais e estagiários dentro da instituição é de grande valia, já que eles acabam por se alternar como responsáveis pelo discurso institucional.

¹ Vale lembrar que há uma grande dificuldade quando se trata de diagnósticos. Pois psicanalistas, psicólogos neurologistas e psiquiatras diagnosticam um mesmo conjunto de sintomas por significantes diferentes. Dessa forma um psicótico para um psicanalista pode ser um autista de bom rendimento para um psiquiatra.

Na tentativa de ampliar o dispositivo clássico de tratamento individual, os atendimentos são feitos em grupos, assim se torna possível apostar na imaginação como instrumento para que as crianças consigam produzir extensões das inscrições primordiais. Com esse objetivo, foram propostos trabalhos em ateliês que tiveram sua origem nos hospitais-dia, eles consistem em propor “uma participação da criança nas produções culturais humanas, ao mesmo tempo em que se oferece um espaço de trabalho em que a ênfase não está na interpretação da loucura, mas na ‘socialização do discurso’” (Kupfer. 1996. p.14). Alguns exemplos de ateliês do Lugar de Vida: música, pintura, cozinha etc.

A escuta dos pais é uma atividade muito significativa dentro da instituição, pois assim é possível o acompanhamento dos movimentos e deslocamentos dos pais quanto a seus filhos, buscando implicar o pai e a mãe como agentes no tratamento da criança ou do adolescente sem que fiquem presos ao sentimento de culpa.

Vemos dessa forma que “o trabalho institucional no Lugar de Vida é concebido como uma rede de linguagem, na qual se localizam três níveis de estruturas discursivas: o das crianças, o dos pais e o da equipe. Ouvir seus entrecruzamentos é também ferramenta terapêutica”.(Kupfer. 2000. p.103)

✓ O Escolar

Quando tratamos de desenvolvimento cognitivo não podemos delimitar padrões e no tocante às crianças com DGD deve-se “fornecer instrumentos como a leitura e a escrita, dentro de suas possibilidades subjetivas e cognitivas, apostando que esses instrumentos lhe serão de valia quer para o seu reordenamento simbólico, quer para poderem dizer-se em sua angústia”.(Idem. p.105)

Sendo assim, é necessário que haja uma dedicação individual para com cada aluno, com o objetivo de descobrir suas “ilhas de inteligência” ou “sinais de inscrições” que possam dar direção a um possível desejo dessas crianças.

O atendimento na instituição é realizado tanto individual quanto em grupo e apesar de todos os profissionais trabalharem sob a luz da educação terapêutica, não existe um currículo ou um programa que se deva seguir como em uma escola. Os coordenadores dos grupos são os responsáveis por definirem as atividades de acordo com o tratamento e encaminhamentos de cada criança, tentando sempre

contemplar cada uma delas. As atividades são principalmente lúdicas, com o objetivo de se fazer emergir um possível sujeito ou desenvolver o mínimo de sujeito que a criança já havia constituído antes da eclosão da psicose.

Para tanto, os alunos ao entrarem para tratamento no Lugar de Vida, são previamente avaliados e encaminhados para os grupos de acordo com os seus sintomas e uma relativa tentativa de divisão etária, não é costume reunir adolescentes com crianças menores, por exemplo.

Os grupos acontecem nos turnos matutino e vespertino, com mais ou menos uma hora de duração, duas vezes por semana. Os grupos do período da tarde são chamados de “Portas Abertas” isto é, as crianças podem circular entre as oficinas ou, se quiserem podem ficar cada dia em uma. Dessa forma podem usufruir do grupo que se dedica a contar histórias, ou da escrita, ou podem preparar o lanche da tarde, ou participarem do ateliê de música.

As atividades do período da manhã são chamadas de “Portas Fechadas”, nesses grupos as crianças não podem circular pela Instituição livremente, pois possuem atividades específicas para cada aluno. São grupos do período matutino: “Pequenos ou do Jogo” que se dedica à oferta de jogos com o objetivo de estabelecer contato com a cultura e assim darem vazão ao possível sujeito; “Elo” que busca misturar diferentes hipóteses diagnósticas com o intuito de que as crianças estabeleçam laço social, no sentido de pensar o que uma criança que possui experiência especular² pode fazer por outra que não tem; e o da “Escrita” que pretende através do contato com o mundo letrado fazer com que esses adolescentes possam, com o auxílio da alfabetização se reordenarem como sujeitos.

Os profissionais do Lugar de Vida fazem reuniões periódicas para discutir e reavaliar os encaminhamentos de cada aluno, elas acontecem uma vez por semana com todos os profissionais que trabalham com um mesmo grupo, embora algumas vezes toda a equipe e os estagiários da Instituição também façam reuniões coletivas. Esses encontros, que são chamados de “fio”, servem para que os participantes troquem impressões sobre cada aluno e assim, as questões mais relevantes são levadas pelos coordenadores à reunião clínica que é constituída por

² Isto significa que essa criança é capaz de se reconhecer como sujeito.

psicanalistas e psicólogos para que dessa forma decidam sobre o melhor tratamento de cada criança.

Podemos verificar que os trabalhos na Associação Lugar de Vida são pensados de modo coletivo e apesar de possuírem contato direto com o escolar, não significa que é uma educação escolar, mas sim a Instituição tem um caráter educacional no sentido de se transmitir uma humanização, isto é, uma tentativa de “reparar” as primeiras inscrições primordiais feitas pelos pais.

b) Sociedade Pestalozzi

A Sociedade Pestalozzi de São Paulo está instalada na zona norte de São Paulo em uma parte muito movimentada da Marginal Tietê, talvez por esse motivo a segurança de acesso à área interna é feita de maneira muito rígida, já que é necessário passar por três portões para sair ou entrar nos setores de atendimento. A instituição conta com um complexo de três prédios, uma quadra poliesportiva e três estruturas que são utilizadas para o funcionamento das oficinas.

O quadro de funcionários da área educacional é composto por 29 professores, 2 coordenadores, 1 secretário, 2 inspetores, 1 pajem, 1 diretor e 1 auxiliar de serviços gerais para o atendimento de 280 crianças e adolescentes, embora a capacidade de atendimento seja cerca de 440 alunos.

A área educacional da Sociedade Pestalozzi de São Paulo tem como fundamentação teórica para sua prática o Construtivismo. A chamada Epistemologia Genética de Jean Piaget possui como ponto central a construção do conhecimento por parte do indivíduo a partir de seus conhecimentos prévios e que “a inteligência é fruto da interação do sujeito com o seu meio, interação na qual, por meio de um trabalho ativo de ação e reflexão, ele cria ferramentas cada vez mais complexas para conhecer o universo” (La Taille. 1997. p.32) o que possibilita respeitar as limitações, principalmente, de crianças com necessidades educativas especiais.

Essa forma de compreender o funcionamento intelectual de deficientes mentais sob a ótica da Epistemologia Genética no Brasil começou na década de 1980, por Maria Mantoan, com uma pesquisa realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Bragança Paulista – SP. Essa pesquisa

possuiu entre vários objetivos, o de afastar a herança da psicologia comportamental e assim retirar da educação especial a idéia de que crianças com deficiência mental seriam treináveis e não educáveis no sentido de compreenderem conceitos e se tornarem pessoas autônomas.

Segundo a episteme piagetiana, o funcionamento intelectual é uma herança contida nos genes a qual nomeou de “hereditariedade geral”, todavia o desenvolvimento cognitivo é um processo que será gerado e modificado ao longo de toda a existência do sujeito através de dois mecanismos: a assimilação e a acomodação que terão como produto final a equilibração. (Mantoan. 1989. p. 129)

Esses mecanismos, por serem de origem genética, estão também presentes em indivíduos que possuem alguma deficiência mental. Embora os sujeitos com necessidades educativas especiais sejam potencialmente capazes de exercerem esses mecanismos, em alguns casos estes não conseguem atingir os níveis mais elevados e complexos de raciocínio.

A assimilação é o processo que permite ao sujeito incorporar novas “substâncias e energias externas a ele, (...) identifica os objetos ou êxitos novos, em função da relação que estabelece com o conteúdo dos esquemas já existentes” (Mantoan. 1991. p. 55). Assim, o indivíduo, graças a esse recurso cognitivo é capaz de fazer o reconhecimento de objetos ou conceitos que deixam de ser desconhecidos para serem reconhecidos e conseqüentemente passam a fazer parte do seu próprio organismo.

Esses novos conceitos ou objetos são sempre interpretados primeiramente como um obstáculo à assimilação, isto é, uma perturbação a qual o aparelho psíquico irá reinterpretar para que ao final desse processo, se dê a acomodação que é o ajustamento desses novos conteúdos ao sistema cognitivo do sujeito que podem resultar na ampliação de esquemas já existentes ou na criação de novos. O resultado desses processos é chamado de equilibração, pois ressalta “o caráter dinâmico da relação entre assimilação e acomodação” (La Taille.1997. p.34) embora nunca possua um fim, pois está em constante atividade.

Sendo assim, a liberdade de cada indivíduo em poder criar o seu próprio caminho e respeitar o próprio tempo, são fundamentais para a aprendizagem. Mantoan afirma que outro fator primordial para que se tenham bons resultados na educação de crianças com deficiência, seria o estímulo intencional para que ascendessem até o ponto em que fosse possível chegarem a “uma estruturação

dos conhecimentos e conseqüentemente compreender a razão das coisas” (1991. p. 116).

Desse modo a Sociedade Pestalozzi possui um programa de atividades, o qual pretende privilegiar esses conceitos na medida em que respeitam as limitações de cada um de seus alunos e oferecem “exercícios práticos” de situações da vida cotidiana, além da educação formal, regulamentada.

O currículo da escola, além das matérias exigidas para o Ensino Fundamental I, contém elementos que buscam ensinar atividades do cotidiano como, por exemplo: trabalhos domésticos, cuidados pessoais, jardinagem, culinária etc., todas elas são realizadas em espaços específicos, muito bem equipados e estruturados dentro da Instituição. Mas não são somente os alunos da escola que participam dessas oficinas, todas as crianças que fazem acompanhamento clínico e que possuem indicação também podem participar.

As turmas são divididas por faixa etária, no máximo com quinze alunos, possuem esquema de ciclos especiais que aumenta a quantidade de anos do Ensino Fundamental proporcionando ao alunado mais tempo para a conclusão do curso.

As professoras possuem jornada de 40 horas/aula semanais no sistema de JEI (Jornada Especial Integral) e a principal dificuldade de trabalho é em relação à adaptação do currículo do Ensino Fundamental para crianças com necessidades educativas especiais. Mantêm um programa de leitura e escrita como atividade permanente e uma sala de aula exclusiva para crianças que não são alfabetizadas que atende a diversas faixas etárias. Toda a preocupação educacional está em preparar esse aluno com necessidades especiais para o mercado de trabalho e para sua independência social.

Logo quando uma criança começa a fazer parte da Instituição, ela permanece em um período de adaptação, isto é, além de permanecer na escola por duas horas apenas, ela também passa por uma espécie de aulas de “boas maneiras” para que dessa forma possa se relacionar melhor com os colegas, proporcionando o laço social. Outra contribuição para que os alunos interajam entre si são os campeonatos esportivos onde todos ganham medalhas ao final.

Apesar de se tratar de uma escola especial, observa-se que a rotina e as atividades escolares, não diferem muito de uma escola regular, pois seguem os horários, as disciplinas, as reuniões pedagógicas etc. A transmissão dos conteúdos

escolares e a formação para o mercado de trabalho são preocupações primordiais para que essa criança possa, no futuro, se integrar à sociedade em que vive.

2- A Inclusão

a) Lugar de Vida

A Associação Lugar de Vida possui uma visão singular no que diz respeito à inclusão de alunos com transtornos emocionais graves em escola regular, pois a inserção de uma criança com autismo ou psicose em uma Instituição escolar acaba por fazer parte do tratamento, já que esses distúrbios se caracterizam pela dificuldade nas relações sociais. Todas as crianças que recebem atendimento nessa Instituição e que ainda não estão matriculadas na escola possuem no horizonte a inclusão.

Sendo o escolar uma ferramenta terapêutica e fundamental no que tange o laço social e a inserção na cultura dos humanos dessas crianças com Distúrbio Global de Desenvolvimento (DGD), o Lugar de Vida verificou algumas dificuldades relacionadas à escola e principalmente “que o encontro da criança psicótica com o professor gera desconforto, angústia, em ambos, paralisando-os”. (Colli. 2005. p. 31).

Foi a partir dessa constatação que se fez necessário, no ano de 1993, a formação de uma equipe de profissionais especializados (psicólogos, psicanalistas, pedagogos e pediatras) para que pudessem oferecer apoio aos agentes escolares que recebem um aluno da Instituição Terapêutica, esse grupo recebeu o nome de “Grupo Ponte” por fazer a ligação entre as duas instituições.

Não são todas as crianças do Lugar de Vida que recebem apoio do Ponte, isto porque muitas escolas conseguem dar conta da demanda desses alunos sem grandes problemas. Sendo assim, os pedidos para atendimento desse grupo de profissionais são feitos, geralmente, através dos pais ou da própria Instituição escolar.

Após a visita de um membro da equipe à Direção ou Coordenação Pedagógica da escola, é feita uma reunião com o docente responsável pelo aluno com DGD, a fim de se obter notícias sobre o processo de inclusão e seus obstáculos. Apesar de oferecer suporte à escola, o Ponte, busca também fazer com

que o professor durante esse processo de inserção no ensino regular de um aluno com necessidades educativas especiais possa atuar “como um coadjuvante fundamental do tratamento da criança. A ele é pedida, mais do que oferecida, uma parceria neste trabalho, e, em contrapartida, por meio da escuta psicanalítica busca-se possibilitar a relação com esse aluno” (Amâncio & Colli, 2000. p.70) da melhor maneira possível.

O que ocorre com as crianças do Lugar de Vida, muitas vezes, ao irem para a escola, é que o conjunto de regras aos quais são submetidas não faz sentido para elas, já que a Lei não opera em psicóticos. Dessa forma saem do padrão esperado de alunos de classe comum resultando no desconforto do professor em ver suas teorias pedagógicas caírem por terra, pois “aproximar-se da loucura exige uma suspensão das certezas que ampliam em nossa própria subjetividade a capacidade de vibração em relação à loucura” (Aversa e Coutinho, 2005. p. 40) assim deve-se “experimentar, se deixar afetar pela loucura, sem porém, estar tomado por ela. Tampouco é permanecer num corpo fechado, seguro e impermeável” (Idem, 2005. p.40), isto é, o professor tem que estar aberto ao inesperado e disposto a sustentar a Lei de modo a fazer o aluno entrar em outra estrutura de linguagem que é a simbólica.

Nesse sentido a criança psicótica ou autista é “convidada” pelo social que a escola oferece a tomar para si as relações humanas, isto é, “aumentavam (r) sua circulação social, seu repertório cognitivo e sua posição no mundo da linguagem” (Kupfer, 2005. p. 26) de maneira a fazer parte integral da sociedade e ao mesmo tempo de obter um lugar nela pela via escolar.

b) Sociedade Pestalozzi

A Sociedade Pestalozzi de São Paulo, por se tratar de uma Instituição que oferece serviços a crianças com necessidades especiais, também possui uma “Escola Especial” dentro de suas dependências. A escola atende em média 400 alunos no Ensino Fundamental I de níveis pedagógicos treináveis e educáveis, com currículo adaptado às características, necessidades e interesses dos alunos visando à inclusão social.

Dessa forma a maior parte da demanda educacional é atendida pela própria escola especial. Mas em alguns casos, a equipe pedagógica encaminha alunos que julgam estarem preparados para o ensino regular e dão suporte até que essa criança esteja adaptada à nova realidade. Esse suporte consiste em reuniões com a equipe de profissionais da escola regular, com o objetivo de esclarecer sobre as necessidades e limitações do aluno.

Há na Pestalozzi um grande esforço de educar para o mercado de trabalho, pois acreditam que assim estarão contribuindo de alguma forma para a inserção desses jovens na sociedade. Por esse motivo, existe certa preocupação com as “boas maneiras” e atitudes comportamentais dessas crianças, os quais recebem aulas para se adaptarem às regras sociais.

Sendo assim, as oficinas funcionam, além de uma atividade lúdica e terapêutica, como um “treinamento profissional” já que muitos dos materiais artesanalmente fabricados pelos alunos são vendidos pela Instituição o que possibilita uma troca com a sociedade.

3- O Organizacional

a) Lugar de Vida

As crianças chegam ao Lugar de Vida, geralmente, por indicação do Hospital das Clínicas de São Paulo, de escolas regulares ou de Instituições como Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e Sociedade Pestalozzi.

Primeiramente a criança e os pais passam por uma triagem que consiste em entrevistas com um psicanalista, um pediatra e um estagiário. Assim que esses profissionais avaliam o caso da criança, embora sem possuírem um diagnóstico fechado para que dessa forma seja possível um remanejamento no tratamento, ela é encaminhada a um profissional do Lugar de Vida que será sua referência, uma espécie de tutor que será responsável pelo tratamento e percurso desse novo membro da instituição.

O próximo passo é levar o caso dessa criança à reunião clínica, para que de forma coletiva seja pensada uma estratégia para o tratamento, isto é, se ela

receberá atendimento psicanalítico individual, se será inserida em algum grupo terapêutico e em qual etc.

A barreira que separa o Lugar de Vida com o mundo exterior é quebrada em vários momentos, pois todos os grupos terapêuticos periodicamente realizam passeios a diversos lugares como: parques, museus, exposições etc. Esses passeios são essenciais para que as crianças criem vínculos sociais e culturais, além de serem importantes por formar um “laço cênico” com a vida cotidiana em especial os adolescentes que estão em vias de alta da instituição.

Por ser uma Instituição de tratamento, as crianças recebem alta, mas o desligamento com o Lugar de Vida é feito gradativamente até chegar ao seu término completo. Esses alunos / pacientes são, às vezes, encaminhados para psicoterapia individual sem vínculo com a instituição.

b) Sociedade Pestalozzi

As crianças são encaminhadas para a Sociedade Pestalozzi por escolas regulares, indicações médicas e pelos próprios pais. A criança então é avaliada quanto à sua deficiência e encaminhada para uma turma que corresponda à sua faixa etária e ao seu nível de conhecimento.

As barreiras com mundo externo são quebradas por visitas que são feitas por grupos de teatro, artistas e profissionais da área de inclusão que vão conhecer a Instituição e algumas mães transpõe essa barreira por serem voluntárias. Dificilmente realizam excursões, embora participem de um programa de TV para arrecadarem doações.

Como a “Escola Especial” da Sociedade Pestalozzi oferece apenas o Ensino Fundamental I, ao término desse ciclo, os alunos são encaminhados para escolas regulares com salas especiais ou para o ensino supletivo ou ainda conseguem vaga no mercado de trabalho. Por isso, está em possuem um projeto para dar continuidade aos adolescentes da instituição com cursos profissionalizantes.

4- Experiência dentro das Instituições

a) Lugar de Vida

Particpei do grupo de estagiários do Lugar de Vida por aproximadamente um ano. De início pude verificar e fazer parte das atividades do “Grupo Elo” que atendia seis crianças com faixa etária entre seis e nove anos de idade e com hipóteses diagnósticas diversificadas. Esse grupo terapêutico possui como proposta observar o que uma criança pouco desorganizada psiquicamente pode fazer por outra mais comprometida. A dinâmica do grupo se dá por intermédio de dois coordenadores e quatro estagiários, que se revezam e são responsáveis pelo oferecimento de materiais lúdicos que proporcionem jogos e brincadeiras, sempre visando o laço social entre as crianças.

Depois pude acompanhar o “Grupo da Escrita” com o objetivo de prestar apoio pedagógico, já que esse é um grupo que trabalha com a interface entre a clínica psicanalítica e a pedagogia, na medida em que a clínica faz uso da linguagem em sua forma escrita e para tal demanda a alfabetização dessas crianças.

O “Grupo da Escrita” é formado por, em média oito adolescentes que buscam se constituírem como sujeito através da escrita, contam com o apoio de um psicanalista ou psicólogo e um profissional da educação além de quatro estagiários.

De modo geral a experiência dentro da instituição foi de grande contribuição já que me possibilitou a vivência em diversas práticas. Acompanhar os grupos e ver alguns resultados negativos e assim pensar conjuntamente outro encaminhamento para uma criança me fez ver que o tratamento não deve ser algo da ordem do “engessamento”, mas que pode e deve tomar outros rumos para que sejam possíveis resultados satisfatórios, mas sobretudo a gratificação de ver surgir algumas marcas do desejo nessas crianças e assim ver emergir a possibilidade de sujeito e organização psíquica desses alunos / pacientes são fatores que possibilitaram outra visão desse tipo de instituição.

A equipe sempre pronta para pensar, pesquisar, discutir sobre cada caso e a preocupação com as atividades acadêmicas, tanto do pessoal que realiza o curso

de especialização quanto o pessoal da graduação são maneiras de “oxigenar” o Lugar de Vida com idéias novas.

A vivência com os pais e a maneira como tratam seus filhos, seus fantasmas, me proporcionaram vivenciar alguns conceitos que só havia me deparado nos livros, dessa forma, convivi com diversas situações que me fizeram crescer como profissional da área de educação especial.

b) Sociedade Pestalozzi

A Sociedade Pestalozzi de São Paulo oferece para quem tiver interesse de conhecer a Instituição apenas visitas monitoradas agendadas previamente. Essa visita é feita de forma coletiva com em média dez pessoas.

Sempre acompanhados de um responsável da Pestalozzi, podemos conhecer as dependências físicas enquanto os alunos / pacientes participam regularmente de suas atividades.

Depois de um “passeio” pelos prédios tanto da área educacional, quanto da área clínica e oficinas, os visitantes assistem a um vídeo que apresenta a Instituição e em seguida uma palestra com a Diretora e a responsável pedagógica.

Sempre muito atentos às perguntas dos visitantes os funcionários da Sociedade Pestalozzi de São Paulo se mostram muito simpáticos para com as pessoas de fora da Instituição.

II – O nome como forma de identidade

Para que seja possível fazer um paralelo entre duas Instituições cujos discursos prezam pela inclusão de crianças com Distúrbios Globais de Desenvolvimento (DGD), se faz necessário uma busca por suas estruturas institucionais e também por suas origens, por essa razão faremos uma breve análise de seus nomes para que seja possível, logo em seguida, realizar a comparação conceitual.

Nomear alguém ou alguma coisa é uma “operação de simbolização (...) absolutamente necessária para se orientar no mundo” (Jerusalinsky, 1996, p. 150). O nome passa ser aquilo que designa uma pessoa, um objeto ou uma instituição. Um sujeito ou uma instituição preenche esse significante recebido com suas características e acaba por se atrelar, se enlaçar na palavra que o representa, dando a esse significante um significado singular.

Dessa forma o nome é algo absolutamente esclarecedor, pois quando batizamos uma instituição a intenção é fazer com que esse nome resuma grande parte das intenções do trabalho realizado. Assim, quando lemos os nomes das duas instituições em foco nesse trabalho, fazemos pelo menos três questões: quem foi Pestalozzi? O que seria um “Lugar de Vida”? O que esses nomes querem dizer sobre as instituições?

1) Sociedade Pestalozzi

Iniciaremos com o Pedagogo Pestalozzi, quem foi, quais foram suas principais contribuições para a Pedagogia e qual teria sido a ligação entre esse personagem e a Sociedade Pestalozzi, serão algumas indagações que buscaremos responder.

Johann Henrich Pestalozzi (1746 – 1827) nasceu em Zurique, protestante, frequentou a escola superior de Grossmünster, estudou Filosofia, Direito e Teologia. Foi de uma índole benevolente e caridosa, defendeu que a escola pública era um direito de todos e o seu maior sonho era “fundar uma instituição na qual

unisse dois fatores primordiais à Educação: a instrução e o aprendizado de um ofício manual”. (Rodrigues, 1996, p.31).

Em Stans (Suíça), no ano de 1798, após a invasão francesa, que deixou um alto saldo de mortos e de crianças cujos pais foram mortos durante a batalha, foi confiado a Pestalozzi o dever de educar e abrigar esses órfãos em um convento que se encontrava abandonado. Nesse local, o mestre-escola, utilizou tudo o que pôde para auxiliar na educação das crianças: ensinava-as a “observar, depois a descrever, por fim soletrar, a ler e a escrever” (Idem, 1996, p.44). Embora esse tenha sido o início de um método, que consistia na transmissão do mais simples para o mais complexo, Pestalozzi e os órfãos foram obrigados a deixar o velho convento, pois os franceses transformaram essas instalações em um hospital de guerra.

No ano de 1800, Pestalozzi inaugurou, com auxílio do governo, um Instituto Educacional em Burgdorf, que integrava um internato para meninos e um externato para formação de professores que compreendia o ensino normal, além de possibilitar a continuação das experiências educacionais de nosso mestre-escola.

Mas em 1804, após várias disputas políticas, Pestalozzi foi substituído na direção do Instituto e deveria se dedicar ao aperfeiçoamento de seu método e à sua produção bibliográfica. Descontente e enfrentando várias desavenças com o novo diretor, Pestalozzi, os professores e os alunos se mudaram para Yverdon com as bênçãos da rainha Berta que deu todo apoio financeiro e estrutural, enviou quantias em dinheiro e cedeu um castelo para o funcionamento da escola. Vinte anos se passaram, com muitas guerras e dificuldades financeiras e seu Instituto chegou ao fim no ano de 1825.

Johann Henrich criou vários métodos de alfabetização e de ensino da matemática que foram reformulados com o passar de suas experiências, teve vários discípulos, entre eles Frobel, suas obras mais relevantes foram: “Leonardo e Gertrudes” (1781), “Como Gertrudes ensina seus filhos” (1801) e “O canto do cisne” (1825). Foi reconhecido como uma pessoa caridosa que lutou para ajudar os seres humanos. Morreu em 1827 em Brugg, Suíça, aos 81 anos de idade.

O ponto que se destaca nas idéias educacionais de Pestalozzi, certamente é a noção de desenvolvimento das faculdades mentais dos aprendizes, antes mesmo de termos uma ciência psicológica. Julgava que as capacidades: intelectuais, morais e artísticas deveriam ser desenvolvidas de forma natural,

integral e em harmonia. Por isso, para gerar uma aprendizagem em harmonia, deveria ser oferecido em conjunto trabalhos manuais e intelectuais.

O Pedagogo via na natureza e no orgânico os principais fatores do desenvolvimento infantil, investiu grande importância na Educação familiar, escolar, moral e social, pregou que uma seria a continuação da outra e que a mãe era a principal responsável por “abrir a inteligência e o coração do filho” (idem, p. 85) nos primeiros anos de vida. Assim quando o indivíduo, finalmente concluísse essas passagens da Educação ele seria um “homem completo”, com bases morais e religiosas.

Para o nosso personagem a aprendizagem era algo nato do ser humano já que a via mais propícia para o desenvolvimento da intelectualidade seria o mecanismo da intuição. O “processo intuitivo é aquele que nos leva de imediato a captar a essência das coisas, diretamente, por meio dos sentidos, sem empregar antecipadamente o raciocínio” (Idem, p.75). O termo intuição aqui se refere “ao ato criador e espontâneo por meio do qual a criança é capaz de representar a si mesma o mundo que a rodeia” (idem). Vemos através desses conceitos algumas semelhanças com o movimento construtivista e a psicologia, já que ambos acreditam no desenvolvimento em potencial que está posto em todos os seres humanos.

Isso nos permite dizer que a psicologização do cotidiano escolar estava se formando já no século XVIII, pois aí já encontramos a “sonhada possibilidade de virmos a adequar naturalmente os meios aos fins educativos” (Lajonquière, 1999. p. 31), isto é, que existe uma maneira de fazer com que o processo de aprendizagem, seja algo natural e ao mesmo tempo prazeroso.

Diante desses fatores e das características que foram apontadas no capítulo anterior, identificamos algumas semelhanças entre o trabalho de Pestalozzi e o realizado na Sociedade Pestalozzi de São Paulo.

Observamos uma preocupação com o social e com o caráter filantrópico que está ligado a esse nome, mesmo que se tente fugir do sentimento de caridade, a deficiência e a orfandade estão unidas quanto a esse respeito. Outro fator é a dedicação ao trabalho intelectual juntamente ao trabalho manual com objetivo de desenvolver as capacidades intelectuais dos alunos.

Percebemos ainda que as crenças educacionais de Pestalozzi, no que se refere ao desenvolvimento intelectual e das faculdades mentais, estão ligadas à

suas concepções morais, religiosas e no desenvolvimento orgânico natural. Já para a Epistemologia Genética, o desenvolvimento intelectual é explicado através de uma perspectiva biológica.

Desse modo podemos afirmar que o nome da Sociedade Pestalozzi de São Paulo pode ter sua fundamentação do caráter filantrópico e também das semelhanças com o fator psicológico que é ilustrado pela preocupação com o desenvolvimento intelectual e com as habilidades e competências que estariam em potencial em todos os indivíduos, tais considerações nos levam a identificar as raízes do movimento construtivista (que é característica primordial da Instituição), já no final do século XVIII.

2) Lugar de Vida

Nesta parte faremos uma breve análise do conceito de “Pré-Escola” e o que ele significa dentro da nossa instituição pesquisada, uma descrição da *École Expérimentale de Bonneuil*, de sua fundadora Maud Mannoni e a relação dessa experiência com o Lugar de Vida.

Ao refletirmos sobre a expressão “pré-escolar” logo percebemos que se trata de algo que é anterior à escola. Assim o Lugar de Vida oferta a suas crianças os primeiros contatos com o escolar propriamente dito, isto é, possibilita à criança-paciente o acesso tanto a materiais (papel, caderno, lápis, caneta etc.) quanto a atividades consideradas escolares.

Essas atividades se fazem presentes quando os grupos terapêuticos realizam confecções de cartazes temáticos ou quando fazem uso de jogos pedagógicos, mas o Grupo da Escrita (como o próprio nome já sugere) é o grande representante dos conteúdos propriamente escolares.

Mas essa preocupação se deve ao conceito teórico da Educação Terapêutica o qual discutiremos no capítulo anterior e que fornece todo o respaldo teórico necessário para a justificativa do termo “pré-escola”.

A estrutura da Associação - Lugar de Vida Centro de Educação Terapêutica teve como exemplo a experiência de Maud Mannoni, com a *École Expérimentale de*

Bonneuil na França. Essa foi uma alternativa inovadora de tratamento para crianças e adolescentes com transtornos emocionais nos anos 60.

Essa nova visão de tratamento pretendia a saída de crianças e adolescentes que até então eram submetidos a altas dosagens de medicamentos farmacotrópicos (antidepressivos, anticonvulsivos, estimulantes etc.) e à internação em Hospitais Psiquiátricos, tal movimento possui relações intrínsecas com o movimento antimanicomial.

A psicanalista, Maud Mannoni, que possui influências de Françoise Dolto e Jaques Lacan, desenvolveu as estruturas dessa escola experimental com objetivo de não ser apenas um lugar onde os pacientes receberiam medicamentos (de forma moderada) e terapias, mas sim teriam a possibilidade de inserção na cultura e no convívio com a comunidade local, além de propiciar um espaço para que essas crianças pudessem falar e serem ouvidas.

Para tanto se fez necessário a formulação do conceito de “instituição estourada” que se define por:

aproveitar e tirar partido de tudo o que de *insólito* surja (esse insólito que, pelo contrário, tem-se o costume de reprimir). Portanto, em vez de oferecer permanência, a estrutura da instituição oferece, sobre uma base de permanência, *aberturas* para o exterior, brechas de todos os gêneros (...). O que sobra: um lugar de recolhimento, um retiro; mas o essencial da vida desenrola-se em outra parte – num trabalho ou num projeto no exterior. Mediante essa *oscilação de um lugar ao outro*, poderá emergir um sujeito que se interrogue sobre o que quer.³ (Mannoni, 1977. p. 79-80)

O que se buscou foi a quebra de um paradigma de instituição que deveria manter tudo em ordem sem a possibilidade do imprevisto. Esse imprevisto tão caro à psicanálise quando se trata das manifestações do inconsciente⁴, pois é aí que se dá a maior parte da experiência analítica, isto é, são nesses momentos em que se pode perceber a existência do sujeito do desejo em cada ser humano e esta seria uma das justificativas para a escuta dessas crianças e adolescentes.

Com isso Mannoni questionou “as estruturas administrativas tradicionais, para as quais a multiplicação de lugares de vida como esse criaria inevitavelmente

³ Grifos da autora.

⁴ O inconsciente, segundo a psicanálise, seria um *locus* no psiquismo ao qual não se tem acesso. Essas “idéias inconscientes, das quais nada sabemos, é melhor presumir que a consciência pode ser dividida, de modo que certas idéias ou outros atos psíquicos possam constituir uma consciência separada, que se tornou desligada e separada da massa de atividade psíquica consciente” (Freud, 1912. p.330). As possibilidades de manifestações desse inconsciente se dariam através dos sonhos, dos lapsos, dos chistes, dos sintomas e dos erros de memória.

um problema político” (Idem. p. 18), além de enfrentar a resistência por parte dos moradores, os quais deveriam a partir de então, conviver com essas crianças pouco normais. Fato que com o tempo foi superado, já que esses moradores começaram a colaborar com a experiência, na medida em que passaram a se relacionar com esses novos habitantes e suas limitações.

Outro diferencial dessas instituições é o caráter de rotatividade de profissionais e estagiários (tanto em Bonneuil, quanto no Lugar de Vida), que possibilita uma circulação de saberes e de subjetividades que “oxigenam” e contribuem com o enriquecimento das atividades realizadas.

O que podemos observar em relação ao Lugar de Vida é que esse nome é muito representativo, pois “um lugar para se viver” não é “um lugar para se tratar”, não está carregado de adjetivos pejorativos ou de termos médicos o que afasta o caráter doentio da criança louca, dando espaço à humanização já que é oferecido um lugar na cultura.

Ao concluirmos que a principal preocupação desses lugares de vida seria proporcionar cultura, conseqüentemente, podemos dizer que seria também uma forma de manifestação do caráter educativo. Pois é desse modo que nos tornamos humanos, ao absorvermos os costumes e as tradições de um outro que nos faz seu semelhante por via da palavra e da linguagem.

Essa transmissão de saberes culturais, conseqüentemente educativos, não é necessariamente escolar, pois a dimensão educativa se encontra para além da sala de aula e da escola, a educação se faz presente nas relações humanas de modo geral.

Por todas essas características é que a Associação Lugar de Vida possui esse nome, não é uma homenagem à Mannoni, mas sim pelas semelhanças e identificações com o aspecto psicanalítico e à oferta de cultura a crianças com transtornos emocionais.

Observamos por toda a instituição crianças que se alegram ao chegar e choram muito ao término das atividades, desse modo podemos verificar que ali, embora seja um local destinado ao tratamento de transtornos emocionais graves, é acima de tudo um lugar para se viver.

- **Conclusão**

Foi a partir do surgimento das prisões e do panoptismo⁵ (por volta dos séculos XVII e XVIII) que ficou mais evidente o ideal de retificação de pessoas. Os mecanismos disciplinares foram então se tornando cada vez mais rígidos sempre com a finalidade de formar ou “reformatar” indivíduos para serem úteis à sociedade.

Algumas Instituições foram criadas “para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça à comunidade, embora de maneira não-intencional; sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários.” (Goffman, 1974. p.17)

A partir de então quaisquer pessoas que fugissem das normas de boas condutas eram levadas para as prisões ou para os manicômios com o intuito de torná-las “normais” novamente. Enquanto isso, a escola se originou como fonte de educação ortopédica para que se todos os indivíduos fossem formados e treinados desde a infância para uma “vida útil”, elas não necessitariam de retificação no futuro.

Nesse contexto o saber psiquiátrico tomou força e a reclusão de pessoas com doenças mentais foi crescente até os anos 60 do século XX, quando o movimento antimanicomial e antipsiquiátrico teve origem na Europa com os psiquiatras David Cooper e Ronald D. Laing, eles possuíam como proposta a derrubada dos muros dessas Instituições e a reinserção de doentes mentais na sociedade.

Esse movimento foi um dos responsáveis por fazer surgir propostas de inclusão de crianças com transtornos mentais no corpo discente de escolas regulares. Por esse motivo no ano de 1994 houve um acordo entre noventa e dois governos que garantiu a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na escola regular. Esse acordo e sua linha de ação ficaram conhecidos como “Declaração de Salamanca”.

⁵ Modelo de construção de observação coletiva formado por um edifício em formato de círculo com uma grande torre no centro e que podia “ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos” (Foucault, 1997. p. 168), era uma tentativa de combater a violência física inserindo um modelo de vigília constante que gerava, não só o aprisionamento físico, mas também psicológico.

Incluir crianças com necessidades educativas especiais não é simplesmente transferi-las das clínicas psiquiátricas para a escola, mas sim possibilitar condições para que ela se estabeleça socialmente nesse ambiente. Com o objetivo de pensar os caminhos para a prática inclusionista, as pesquisas nas áreas da educação e da psicologia têm crescido consideravelmente nas últimas décadas.

Esta pesquisa pretende pensar duas vias possíveis (cultura e trabalho) para a inclusão tendo como base duas Instituições que buscam, ao mesmo tempo, tratar e educar crianças com transtornos graves.

Para que fosse possível realizar uma análise dessas Instituições que oferecem educação e tratamento para crianças com Distúrbio Global de Desenvolvimento (DGD) se fez necessário uma pesquisa de campo para podermos conhecê-las.

Primeiramente realizei um estágio na Associação Lugar de Vida – Centro de Educação Terapêutica, onde pude participar da rotina e acompanhar dois grupos terapêuticos por volta de um ano, o que facilitou o meu entendimento sobre o material teórico e conseqüentemente sobre a prática da “educação terapêutica”.

Já na Sociedade Pestalozzi de São Paulo me foi proporcionada uma visita juntamente com um grupo variado de profissionais da educação e por algumas horas pudemos conhecer de maneira superficial o trabalho que lá é realizado.

Mas de qualquer forma a possibilidade de contato com as Instituições e o acesso às suas bases teóricas já nos oferecem dados para algumas observações.

Desde o início foi possível perceber que o ideal de inclusão está presente nas duas Instituições, mesmo que por vias diferenciadas já que a Associação Lugar de Vida possui suas bases na “Educação Terapêutica”, que seria o casamento entre a clínica psicanalítica e a educação, foca a oferta de cultura como inserção de crianças com transtornos mentais graves no mundo dos humanos. Esse trabalho é feito de maneira lúdica de modo que ao término de cada sessão terapêutica a criança, ao voltar para casa ou ir à escola, possa ter condições de se reconhecer na cultura em que vive.

Por esse motivo é que o Lugar de Vida tem o escolar como forma de cultura e não de escola especial, com disciplinas e obrigações específicas do mundo escolar, assim as crianças que freqüentam a Associação se encontram

matriculadas em escolas regulares o que garante as trocas com outras pessoas que não fazem parte da Instituição.

Outra forma de garantir o contato com a sociedade em geral são os passeios realizados pelos grupos terapêuticos, ao irem aos parques, museus, teatros etc. as crianças trocam experiências com o mundo fora da instituição e é assim que elas vão estabelecendo laços sociais.

Observamos uma diferença bastante acentuada em relação à Pestalozzi, já que as crianças que fazem parte da escola especial obedecem a um calendário escolar, com adaptações do currículo e ao término do Ensino Fundamental I recebem certificado de conclusão em escola especial.

A prática de passeios fora da instituição é rara, pois vários voluntários levam espetáculos teatrais, circenses, musicais etc. para dentro da Pestalozzi, principalmente depois que ela ganhou notoriedade por participar de programas na Rede Record de televisão com objetivo de arrecadar fundos para sua expansão.

Além da escola especial e das visitas que a entidade recebe freqüentemente, ela também oferece variados serviços de atendimento para crianças e adolescentes com déficit intelectual como psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicomotricistas etc. Desse modo, os alunos / pacientes da Pestalozzi não têm a oportunidade de acesso a outros lugares da sociedade por via da Instituição.

O que foi pensado para facilitar a vida das crianças e de suas mães que podem contar com todo respaldo médico e escolar em um mesmo espaço físico teve por conseqüência o rompimento da inserção dessas crianças no discurso social, assim a Pestalozzi acabou por ser um fim nela mesma, já que as trocas sociais são feitas internamente.

Embora as duas Instituições apostem na individualidade de cada criança e na possibilidade de independência futura, o Lugar de Vida por possuir em sua base teórica a psicanálise objetiva por considerar o mínimo de sujeito que cada criança já foi capaz de constituir para, a partir daí ter a possibilidade de participar da cultura e assim a instalação do desejo. Como propôs Maud Mannoni ao “criar *Lugares de Vida* que não são senão lugares onde se propunha apostar nesse espontaneísmo das relações sociais, sem vigia técnica, sem intervenção dita terapêutica.” (Voltolini, 2004. p.167).

É claro que a proposta da Associação é baseada no tratamento de crianças com DGD pela prática psicanalítica, mas para que ela tenha efeito é preciso apostar na espontaneidade e no imprevisto já que é a partir deles que os sujeitos deixam escapar os sinais do desejo do inconsciente.

Essa abordagem clínica diferenciada é uma evolução no tratamento da loucura, pois nas clínicas psiquiátricas, como em qualquer outra instituição total, as regras, a rigidez e a vigília constante eram fundamentais para elas.

Foi à partir do conceito de “instituição estourada” da psicanalista Maud Mannoni que se começou a considerar a troca constante de profissionais e a possibilidade de não se fazer um lugar de atendimento com normas fechadas e sem possibilidade de trocas com a sociedade.

A substituição constante do pessoal da Instituição está alicerçada em um entendimento psicanalítico da psicose: “para Mannoni, a alternância pode criar uma dialética de presença/ausência decisiva para o psicótico, para quem justamente a ‘noção’ de ausência, de falta, não foi estabelecida, e não pode por isso produzir seus efeitos estruturantes”. (Kupfer, 2000. p.73)

Através da experiência da *École Expérimentale de Bonneuil* o uso de medicamentos também foi outro fator de mudança no tratamento de crianças com DGD e essa foi mais uma linha seguida pelo Lugar de Vida, que também procura evitar o uso excessivo de medicamentos em suas crianças.

Em contra partida a Sociedade Pestalozzi ainda está carregada de características behavioristas ao utilizarem, por exemplo, termos como “educáveis e treináveis” ao se referirem às condições mínimas para que uma criança possa ser aceita na Instituição. Embora a proposta inicial de Maria Mantoan quando iniciou o trabalho na APAE, ao agregar a Epistemologia Genética como estrutura teórica, fosse justamente afastar essas características behavioristas.

Essa maneira de se referirem às crianças com transtornos mentais corrobora com os cursos de “boas maneiras” e de “afazeres domésticos e pessoais” que a entidade oferece. Assim nos deparamos com pensamentos completamente behavioristas quando os funcionários dizem: “agora esse aluno já consegue até se vestir sozinho!” comentário que deixa o caráter humano completamente comprometido.

O behaviorismo por ser uma psicologia comportamental e ao focar suas experiências com técnicas de estímulos e respostas, leva à retificação dessas

crianças tidas como “não-normais” a se aproximarem da normalização o que verificamos ser uma característica do paradigma de serviços e não de inclusão.

Quando elaboramos o projeto de pesquisa, tínhamos por hipótese que para a Sociedade Pestalozzi, o registro do tratar estivesse distante do educar, já que se tratava de uma escola especial. Mas acabamos por constatar que, assim como no Lugar de Vida, a Pestalozzi também se aproxima significativamente do tratamento das crianças não só por oferecer os aspectos clínicos e educacionais no mesmo espaço físico, mas também por seus professores acompanharem o tratamento das crianças e suas evoluções no dia a dia.

Outra semelhança entre as duas entidades é a atenção dada aos pais das crianças. Tanto para o Lugar de Vida, quanto para a Pestalozzi a escuta das queixas, dúvidas e angústias familiares são importantes para facilitar o entendimento da situação em que a criança chega à instituição e também durante o tratamento.

Além da escuta em relação às crianças, alguns pais também recebem acompanhamento psicológico no caso da Pestalozzi e psicanalítico individual no Lugar de Vida o que ajuda na re-significação da figura do filho como discutimos na parte introdutória desta pesquisa.

Verificamos também que a visão de cura entre as duas Instituições é bastante diferenciada já que enquanto para a Sociedade Pestalozzi a cura ainda está ligada à normalização, por possuir caráter behaviorista e também por estarem em contato com o paradigma de serviços, ao oferecerem todo suporte médico, psicológico e escolar dentro da Instituição. Essa é uma característica marcante no que se refere à integração.

Por outro lado para o Lugar de Vida a cura “não tem a ver com *normalização*, mas com *dissolução* de alguma coisa (sintoma) que do modo com que se arranjou faz mais sofrer do que viver.” (Voltolini, 2004. p.168) e assim, os profissionais e estagiários da Associação buscam, em uma certa medida, instigar as crianças a viver e não mais a sofrer.

A Sociedade Pestalozzi possui em suas dependências várias oficinas que promovem o aprendizado de profissões variadas como, por exemplo, panificadora, papel reciclável, rotinas de escritório etc. Essa é uma grande preocupação da entidade: formar os jovens para o mercado de trabalho é uma maneira de inseri-los na sociedade.

Ao oferecerem ensino profissionalizante, os jovens podem sair da Instituição e terem a garantia de uma possível independência financeira ou pelo menos uma forma para ajudar no orçamento doméstico. Esta é, sem dúvida, a maior característica do paradigma de inclusão da Pestalozzi.

Ambas as Instituições oferecem apoio a professores de escolas regulares que possuem alunos com DGD, esse apoio se faz por cursos, palestras e em alguns casos por acompanhamento quanto à evolução da criança em sala de aula, em especial quando o aluno em questão foi encaminhado para a escola após um período de atendimento terapêutico.

Esse acompanhamento é oferecido até que os professores que recebem esses alunos tenham condições de se acharem seguros em relação à deficiência e limitações da criança. Por outro lado o aluno que está também em fase de adaptação na escola regular conta com o apoio de profissionais que o atendia na Instituição anterior o que facilita a inserção social por meio da escola.

O apoio oferecido às escolas regulares é de suma importância, pois faz com que cresça a discussão entre os profissionais da educação em conjunto com especialistas da área da psicologia o que favorece as abordagens interdisciplinares e a troca de experiências entre as duas áreas.

O diálogo entre o campo da educação e das ciências psicológicas é um ponto que ainda está em desenvolvimento. Os profissionais da educação estão cansados da psicologização do cotidiano escolar, mas ao mesmo tempo não se sentem preparados para receberem alunos com DGD em suas turmas e por isso se deparam com grandes desafios quando recebem, em sua sala de aula um aluno com psicose, por exemplo.

É por essa razão que as trocas de conhecimentos entre as áreas são importantes, não a sobreposição de uma sobre a outra, mas o trabalho em conjunto para que se possa viabilizar a permanência dessas crianças em escola regular e em salas de aula regulares e não mais salas especiais.

Após quase cinquenta anos do movimento antipsiquiátrico e da reforma psiquiátrica, muito se avançou no tratamento das doenças mentais e no convívio dessas pessoas na sociedade.

Segundo Kupfer ainda estamos muito longe de encontrarmos um tratamento ideal ao que se refere ao autismo e psicose infantis, mesmo porque ainda não chegamos a uma conclusão do que seja tratamento ideal: “se tomarmos

as abordagens comportamentais, o objetivo será o treino e a adaptação que daí resulta; se tomarmos as abordagens psicanalíticas, o surgimento de uma subjetivação será alvo; para os médicos, a estabilização e o desaparecimento da agitação.” (2000. p.61)

É através desse fragmento de um texto de Kupfer que vemos na teoria o que presenciamos na prática durante essa pesquisa. Como a Associação Lugar de Vida é atravessada pela psicanálise, ela tenta fazer com que a criança consiga se estabelecer como sujeito para poder ter acesso e permanência no meio social e cultural. Já a Sociedade Pestalozzi por considerar o caráter comportamental dos doentes mentais, tende a treiná-los para que possam se adaptar principalmente no mercado de trabalho.

Concluimos também que a escola é parte fundamental nesse processo de inclusão, já que ela tem um discurso social poderoso e mesmo que, de início essas crianças não se diluam no grupo escolar, é importante a permanência delas nesse espaço porque anteriormente a qualquer déficit intelectual elas ainda são crianças buscando um lugar no meio social mesmo que não saibam disso.

Mais do que uma comparação entre essas Instituições esta pesquisa mostrou dois diferenciados caminhos para que ocorra a inclusão de pessoas, em especial, crianças com DGD na sociedade em que vivemos. Não importa se pela via da cultura ou pela via do trabalho, o essencial é que, mesmo que aos poucos, os doentes mentais estão garantindo um lugar no meio social e fazendo com que a discussão sobre essa situação que sempre foi de exclusão possa se transformar em inclusão.

- **Referências Bibliográficas**

AEBLI, Hans. “Didática psicológica: aplicação à didática de Jean Piaget”. São Paulo: Nacional, 1971. p. 7-84.

AMÂNCIO, Valéria e COLLI, Fernando Anthero Galvão. “Continuando a travessia pelo ponte” In: Estilos da Clínica: Revista sobre a Infância com Problemas, n. 9, p. 69 – 81. 2000.

ARANHA, Maria Salete Fabio. “Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência”. In: Revista do Ministério Público do Trabalho, Ano XI, n.º 21, março, 2001. P.160-173.

BASAGLIA, Franco (org.). “A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico”. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

COLLI, Fernando Anthero Galvão (org.). “Travessias inclusão escolar: a experiência do grupo ponte Pré-escola Terapêutica Lugar de Vida”. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE, 1994

FOUCAULT, Michel. “Vigiar e punir: nascimento da prisão”. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. “Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise” In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1912.

GOFFMAN, Erving. "Manicômios, prisões e conventos". São Paulo: Perspectiva, 1974.

JERUSALINSKY, Alfredo. "Psicanálise do autismo". Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

_____. "Para uma clínica psicanalítica das psicoses". In: Estilos da Clínica: Revista sobre a Infância Com Problemas, v.1 , n.1 , p.147 – 162, 1996.

KAËS, René. "A Instituição e as instituições: Estudos psicanalíticos". São Paulo: Casa do psicólogo, 1991.

KUPFER, Maria Cristina Machado. "Educação para o futuro: psicanálise e educação". São Paulo: Escuta, 2000.

_____. "Pré-escola terapêutica lugar de vida". In: Estilos da Clínica: Revista sobre a Infância Com Problemas, v.1 , n.1 , p.8-17, 1996.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. "De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber". Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

_____. "Infância e ilusão (psico) pedagógica: escritos de psicanálise e educação". Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LA TAILLE, Yves. "O erro na perspectiva de piagetiana". In: AQUINO, Julio Groppa. "Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas". São Paulo: Summus, 1997.

LEVIN, Esteban. "A função do filho: espelhos e labirintos da infância". Petrópolis – RJ: Vozes, 2001

_____. "Clínica e educação com as crianças do outro espelho". Petrópolis – RJ: Vozes, 2005.

MANNONI, Maud. "Educação Impossível". Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

_____. "A criança retardada e a mãe". São Paulo – SP: Martins Fontes, 1985.

_____. "Um saber que não se sabe: a experiência analítica". Campinas, SP: Papirus, 1989.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. "Compreendendo a deficiência mental: Novos caminhos educacionais". São Paulo: Scipione, 1989.

_____. "A Solicitação do Meio Escolar e a Construção da Inteligência de Deficientes Mentais: uma interpretação à luz da Teoria de Piaget." Campinas: Unicamp, 1991.

_____. "Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?" São Paulo: Moderna, 2003.

RODRIGUES, Wallace Leal V. "Breve história de Pestalozzi". Franca, São Paulo: Fundação Pestalozzi, 1996.

SCHILLING, Flávia. "Falando sobre a ética e os direitos humanos em tempos de epidemias". In: Anais do IV Colóquio do Lepsi: Os adultos, seus saberes e a infância. São Paulo: USP, 2004.

VOLTOLINI, Rinaldo. "A desrazão na infância: o discurso analítico e a inclusão". In: Anais do IV Colóquio do Lepsi: Os adultos, seus saberes e a infância. São Paulo: USP, 2004.